

6. O cotidiano preenchido por uma questão de senso

"Em seguida, desceu com eles a Nazaré e lhes era submisso. Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração" (Lc 2,51).

O cotidiano permaneceu o mesmo por outros vinte anos, mas o coração com o qual Maria viveu, entrou em uma nova fase, mais profunda e dramática. A realidade cotidiana se encontrou ainda mais densamente habitada do senso das coisas de Deus, como Jesus havia lembrado.

Mas o que isto significava? Se não tivessem entendido a palavra que Jesus havia dito, e se tudo depois tivesse retornado ao normal, o que significa que tudo estava mudado, mais denso, mais confrontado ao sentido das coisas de Deus?

Tudo mudou, porque de repente a vida cotidiana foi preenchida por uma questão mais urgente, de um senso do mistério do Filho e da sua missão, mais dramático. Maria conservava as palavras e os fatos em um coração cheio de pergunta, silêncio, na espera de entender aquilo que não conseguia entender agora, mas que tinha entrado em sua vida, sua consciência. E cada instante, cada dia, semana, mês e ano destes vinte anos foram despertados para uma nova vigilância. Tudo estava alerta para se deixar surpreender com o impacto sobre si e sobre tudo da missão do Filho e, portanto, alerta para acolher o acontecimento dos fatos de Deus Pai.

Em Maria, esta vigilância, esta questão do sentido das coisas de Deus, este desejo de deixá-las acontecer, de se abrir mais a esta novidade, não mais com angústia e ressentimento, mas com desejo e confiança, esperança, não se apagaram mais, não foram vencidas pelo cotidiano, pela monotonia da vida de Nazaré. Entendemos como, vinte anos depois, reagiu durante as bodas de Caná.

As bodas de Caná foram um fato cotidiano, normal. Maria participava porque provavelmente os noivos eram seus parentes. Normal e cotidiano convidar também o Filho e seus amigos. Normal e cotidiano beber muito, e se fossem pessoas pobres, tivessem pouco vinho. Quem sabe o até mesmo "Eles não têm mais vinho" (Jo 2,3) não fosse uma sutil repreensão a Jesus, como no Templo, por ter envergonhado seus pobres parentes, ao chegar nas bodas com todos estes discípulos acostumados a se embebedarem...!

Mas na verdade, também aquela constatação "Eles não têm mais vinho" era densa da questão do sentido das coisas de Deus, que o coração de Maria exercitou em todos aqueles anos. Jesus percebe, pois conhecia o coração de sua Mãe. "Mulher, o que queres de mim? Minha hora ainda não chegou" (Jo 2,4).

Jesus percebe que Maria não tem uma relação materna instintiva com Ele, que a palavra Ele disse no Templo, a cultivou no coração e na consciência de si, Dele e de tudo, também destas bodas e vinho escasso. Maria sempre olha para Jesus, habitada pela confissão de fé, que Ele está aqui pelas obras de Seu Pai, para cumprir o plano do Pai.

Maria oferece a esta atitude do Filho de Deus, ao senso de Sua presença no mundo, tudo o que acontece. Sempre o fez, durante todos os anos vividos juntos em Nazaré, mesmo quando lhe disse: "Podes tirar um balde de água do poço?", "Vem, o almoço está pronto", "Não parece que teu pai José tem dificuldades para respirar hoje?", "Eu não tenho mais lenha para o fogo", "Nosso primo Jacó perdeu uma ovelha nas montanhas", "Leva um pouco de pão e queijo para a viúva de Simeão", etc... Após aquele dia no Templo, Maria não podia dizer nada, pensar em nada, sem sentir no fundo de tudo, nas relações, sobretudo na relação com próprio Jesus, o sentido das coisas de Deus, que Jesus vivia profundamente, que O constituía e que Sua presença transmitia a Ela e a todos, em cada momento da vida.

Ele havia dito: "Não sabeis que devo estar nas coisas de meu Pai?". Não era só um *ter que fazer*, era um *estar*, um *ser*, uma dedicação do seu ser, uma missão constitutiva da sua pessoa, de seu coração, que requeria presença, um ser presente onde o Pai realizava a sua vontade, o Seu propósito, pois o designo do Pai, as coisas do Pai, se realizavam na entrega do Filho, entrega até o sacrifício.

Por esta razão, Jesus não podia ouvir as palavras de Maria, seus pedidos, constatações quotidianas, sem toda a espessura do sentido das coisas do Pai. Não podia ouvir sua mãe dizer "Eles não têm mais vinho", sem ouvir nestas palavras, e na situação em que foram expressas, toda a ressonância do sentido das coisas do Pai, que faziam arder de amor sua consciência. Por isso responde, reage, pensando na sua Hora, na sua Hora pascal, naquela Hora de morte e ressurreição, que falará a Pedro e companheiros.

E Maria sabe que é esta a postura do Filho diante da vida e realidade, e confia, confia a este estar do Filho às coisas de seu Pai: "Sua mãe disse aos serventes: 'Fazei tudo o que vos disser!'" (Jo 2,5)

Como se dissesse: 'Não é necessário entender antes o senso do que vos dirá. Também, eu, não entendi o que me disse quando tinha doze anos, como não entendia o que dizia o anjo na Anunciação, ou o velho Simeão no Templo, mas acreditei nesta palavra, nesta proposta que também me pedia um modo de ser Sua mãe, que antes não imaginava. Verifiquei, fiz experiência que esta conduta torna mais densa e fértil a vida toda. Uma pessoa faz suas coisas banais, quotidianas, talvez com fadiga e aridez, e, em vez, serve as obras de Deus, deixa Cristo fazer as obras do Pai. Enchereis os jarros com água, como o fazeis sempre, porque são jarros para o ritual de purificação dos judeus (Jo 2,6), e deveis encher antes de cada refeição, e eis que este gesto, este serviço sem interesse, Ele transformará radicalmente, tornando-o expressão de Sua missão de salvação, de Seu estar aqui para as obras do Pai'.